

A filha do gigante — Gravura de Flora

## GIGANTES.

Não ha historias que mais nos entretenham na infancia, e mesmo na juventude, como as de gigantes! Em primeiro logar são papões que devoram as crianças vivas; que tem reinos sem fim, ou passam ribeiras e montanhas com uma só passada. Gigante é o que ao pescoço da sua mula suspende, como pequenas campainhas, os dois sinos grandes de Mafra; gigante é o que se senta sobre a torre de Belem, para tomar mais commodamente um banho de pés no Tejo; gigantes são os que Gulliver nos pinta a pescarem com a vista os homens ordinarios através de microscopios.

Depois, passado o tempo dos contos divertidos, vem o dos estudos do collegio, os, quasi sempre inuteis, quasi sempre perdidos, estudos classicos, onde ainda continuâmos a andar mettidos com gigantes.

Começando pelos livros sagrados, extasiâmo-nos diante dos gigantes de que falla o Genesis (VI, 4). *Gigantes autem erant super terram in diebus illis.* Gigantes tinham sido a causa principal do diluvio. (Sap. XIV, 6: Job. XXVI, 5).

Nos livros profanos é Antheu, de sessenta covados de altura, que Hercules levanta e esmaga nos ares. Depois é o combate dos Titões contra os deuses — Titões, gigantes, que, para escalar o ceo, accumulam montanhas sobre montanhas, Ossa sobre Pelion, Olympo sobre Ossa.

« Affectasse ferunt regnum cœleste gigantes,
Altaque congestos struxisse ad sidera montes. »

É um d'elles, enterrado vivo por Jupiter debaixo do Etna, que produz tremores de terra todas as vezes que se mexe, e faz resfolgar o fogo do volcão todas as vezes que respira. A Titões seguem-se Cyclopes. Polyphemo, o mais famoso d'elles de 300 pés d'altura, faz quatro batoques de quatro companheiros de Ulysses, graça de que este se vinga do modo que é notorio! A Cyclopes seguem-se Lestrigões, entre os quaes parece que o mesmo Ulysses viajou effectivamente, tanto Homero falla d'isso com entono.

As tradições do norte concordam com as do meiodia a respeito da existencia de gigantes nas primeiras edades do mundo. A mythologia escandinava abunda em casos em que, como na mythologia grega, os gigantes representam grandes papeis. Ninguem ha, nem mesmo os siamezes, que não pretenda que os homens dos tempos primitivos fossem de estatura colossal, a que nada do que hoje se vê se póde comparar.

São bem conhecidos os sonhos dos rabbinos sobre a estatura de Adão, que, conforme alguns d'entre elles, tinha de altura muitas centenas de pés; e cuja cabeça, segundo outros, ultrapassava muito a atmosphera, ao passo que com uma das mãos tocava o polo arctico, e com a outra o antarctico. E os symbolos, e tudo que aos rabbinos aprouve phantasiar sobre os patriarchas, principalmente sobre Og, rei de Bazan, que era de figura tão famosa, que as aguas do diluvio lhe não chegaram mais que aos joelhos? Og era tal, que Polyphemo e todos os outros gigantes reunidos caberiam a dançar na palma da sua mão. O osso da coxa do cyclope nem de palito podia servir ao desmesurado Og!

Os mesmos livros rabbinos medem o osso da coxa d'esse rei pela insignificancia de dez legoas. Na guerra contra os israelitas lançou Og mão de uma mon-

tanha de seis mil passos de largura, com intuito de a lançar sobre o exercito inimigo. Em quanto, porém, a tinha sobre a cabeça, permittiu Deus que as formigas a furassem, e lhe fizessem no meio um buraco d'alto a baixo. D'aqui o encaixar-se a montanha pela cabeça do gigante, e ficar-lhe á roda do pescoço em fórma de collar. Moysés, que isto viu, deliberou aproveitar a occasião. Tendo apenas seis covados de altura, tomou uma acha do seu proprio comprimento, deu um salto tambem de seis covados, mas apenas póde ferir o gigante no tornozelo. No entanto o golpe foi tão bem descarregado, que o colosso sentiu-se abalado, e caiu. Foi jazente e sem poder desenvencilhar-se da montanha, que se lhe deu morte.

Os mahometanos perfilharam todas estas fabulas, e deram curso de verdades a outras, tão fabulas como o conto de Micromegas!

Para provar a existencia dos gigantes tem-se argumentado com a existencia de ossadas descommunaes exhumadas do seio da terra. A sciencia já sentenciou este argumento, mostrando por certos e irrefragaveis caracteres, a que especies de animaes devem positivamente pertencer essas diversas ossadas, mui levianamente attribuidas pela credulidade ignorante a homens de estatura extraordinaria.

É conhecida a bulha que no seculo XVII fez a descoberta do tumulo de Teutobach, rei dos cimbros, derrotado por Mario, que, segundo as dimensões dos seus ossos, devia ter trinta pés d'altura E que resultou da celebre discussão que sobre isso se agitou? Conhecer-se que o allegado Teutobach era simplesmente um elephante, cujo fossil se encontrára no Delphinado. Com effeito, Teutobach fôra de corpo gigantesco; mas os ossos baptisados com o seu nome eram de um quadrupede, incapaz de transpor de um salto quatro e mesmo seis cavallos postos a par, como Floro diz que fazia Teutobach. D'elle diz Michelet, que quando o conduziram triumphalmente a Roma, era mais alto que os tropheos.

A historia de todos os ossos de gigantes é só uma, e qual a acabâmos de fazer. Tal espinha, attribuida a Polyphemo ou a Antheu, achou-se ser espinha dorsal de baleia: tal outro gigante transformou-se em mastodonte, rhinoceronte, hippopotamo; mesmo o peito d'alguns tem-n'o a ultima analyse convertido em casca fossil de tartaruga. Todo o prestigio desappareceu diante do olho severo da anatomia comparada! Cuvier no seu *Discurso sobre as revoluções do globo* bem alto diz, que «entre os fosseis ainda não foram encontrados ossos humanos.»

Mas, ainda que nunca existissem raças de gigantes, é preciso não negar que o corpo humano possa, em certos casos excepcionaes, exceder muito a medida ordinaria. Sem pôr fé no que Herodoto conta do sapato de Perseu, que, segundo o credulo historiador, tinha dois covados, isto é, tres pés de comprido; somos levados a crer que Plinio falla verdade, quando diz, que no seu tempo fôra a Roma um arabe chamado Gabbara, com a altura de 9 pés e 9 pollegadas romanas, ou oito pés e dez pollegadas francezas. Além d'estes ha mais testimunhos de existencia de homens de nove pés d'altura. O famoso Golias, a quem o *Livro dos Reis* dá a altura de seis covados e um palmo, seria d'esses taes, correspondendo a cêrca de nove dos pés francezes. No XVI seculo foi visto em Roma um gigante, que tambem tinha a mesma altura. Sabe-se que o imperador Maximino tinha mais de oito pés, e que um dos guardas de corpo do rei da Prussia, Guilherme I, tinha oito pés e meio. O esqueleto de uma rapariga, observado por Offenbach, media outro tanto.

Comtudo, crendo mesmo na existencia d'estes gigantes, se é que se deve dar similhante nome a homens de oito e nove pés d'altura, é preciso reconhecer que não são na especie humana senão excepções singulares, apparecendo isoladamente, com grandes intervallos, e sem que a sua estatura, mesmo nos casos extremos, chegue a attingir o dobro da estatura media. Convem por fim notar, que estas excepções não são peculiares a nenhum povo determinado, antes se manifestam em todos, pouco mais ou menos do mesmo modo. Nenhuma raça se mostra sensivelmente mais propensa que outra a produzir gigantes. É assim que nos registos da sciencia ha exemplos de gigantes, não só nascidos no Congo, mas tambem nos hottentotes, na Arabia, na Syria, na Italia, na Suissa, nos Paizes-Baixos, na Inglaterra, na Allemanha, na Dinamarca, como na França, e nas Hespanhas.

Propriamente fallando, não ha familias de gigantes, nem as allianças d'elles perpetuam na prole a estatura. Algumas vezes succede que todos os filhos d'uma mesma mãe são de grande corpo; mas talvez que nunca se visse um gigante irmão de um anão. A singularidade da estatura não se estende além d'uma geração. Parece que são causa d'isto as condições particulares da mãe, que se não transmittem aos filhos. Os filhos dos gigantes entram nas leis communs da estatura humana. Succede mesmo pela maior parte, que os gigantes morrem sem filhos.

Tambem da força dos gigantes se faz geralmente mui falsa idéa. Como em tantas outras cousas, deixam-se a respeito d'ella seduzir pela apparencia, e enganam-se. Longe de ser guerreiro temivel, o gigante é de ordinario fraco e pusillanime. O estudo dos gigantes explica perfeitamente como o enorme Golias foi lançado por terra por uma unica pedrada de funda. É preciso ver nos gigantes, não creaturas favorecidas por uma superioridade real sobre o resto dos homens, mas seres egros, cujo desenvolvimento, verificando-se de um modo rapido, não póde ter tempo de repouso quando mais lhe era preciso para determinar uma organisação solida.

A despeito d'isto ha por ahi uma multidão de pessoas credulas, para quem a fabula da antiga existencia d'uma raça de gigantes é ainda hoje uma verdade.

Mas como nos admiraremos, se ainda ha pouco mais d'um seculo, em 1718, se viu um grave academico publicar um trabalho mui conscienciosamente feito, no qual, segundo certa lei de crescimento continuo imposto á estatura da nossa especie, se acham determinadas, com supposta exactidão rigorosa, as variações da altura do homem, desde a epocha da creação?! De taes calculos resultava que Adão devêra ter 123 pés e 9 pollegadas, Noé 103 pés, Abraham 28, Moysés 13, Hercules 10, etc.! Se querem ver o resto abram o *Magasin pittoresque*, de 1839, a pag. 146.

A que excesso de aberração não chega o espirito do homem quando se deixa guiar pela especulação systematica, e não toma por bussula a sciencia logica dos factos! Foi por isso que o sabio mais papamoscas, que votou a vida ao estudo da antiguidade, Pomponio Mela, contou que certos habitantes da India eram de estatura tão avantajada, que montavam elephantes como nós montâmos cavallos! Foi por isso que o padre Rhetel viu em Thessalonica os ossos de um gigante de 96 pés d'altura, cujo craneo levava dois alqueires de trigo!

Mr. Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, no seu distincto trabalho *Traité de tératologie*, demonstra, por meio de razões sem replica, que a estatura da especie humana não decresceu dos tempos antigos para cá. A principal das suas razões funda-se nas comparações que o auctor faz entre a estatura dos animaes, que vivem no estado selvagem, e a das mesmas especies conquistadas á domesticidade; do que resulta, que esta differença de vida, continuada por seculos, não teve sobre a estatura senão influencia quasi nulla.

O mytho dos gigantes tem gerado em todos os paizas bellas lendas e tradições maravilhosas. Foram ellas que ainda ha pouco proporcionaram curiosas paginas a Augusto Stœber, nas suas *Tradições populares da Alsacia (Die Sagen des Elsasses)*. D'elle são as linhas com que explicâmos a gravura que pomos á frente d'este artigo, e que em fórma de lenda contém uma grande lição de moralidade.

«O castello de Nideck, cujas ruinas se elevam no fundo de uma garganta do valle de Haslach, desembocando na de Bruche, fôra n'outro tempo habitado por cavalleiros de estatura gigantesca, a quem todo o paiz circumjacente pertencia. Um dia lembrou-se a filha de um d'esses gigantes de deixar a solidão das florestas, que então povoavam todo o valle. Mal havia dado alguns passos, achou-se no meio d'um campo, que um lavrador sulcava com a charrua. O aspecto da planicie, a vista do pequeno ser que se movia a seus pés e fazia andar aquelle apparelho microscopico, tudo era novo para ella, e a enchia de surpreza. A sua curiosidade de criança levou-a logo a ajoelhar para examinar de mais perto estas ignotas maravilhas. Por fim, a despeito dos gritos desesperados do camponez e dos seus animaes, que se debatiam com todas as forças, a joven giganta passou a mão pelo solo, e no seu vasto avental recolheu de uma só vez homem, cavallos, e charrua. Dando poucos passos, estava de volta ao castello, e, cheia de contentamento, entrou logo no aposento de seu pae, para lhe mostrar o lindo brinquedo vivo que acabava de achar.

«A vista de tudo aquillo que a criança puzera em cima da mesa, e com a ponta do dedo impellia a andar, o pae, carregando o sobrolho em signal de descontentamento, disse-lhe: — «Minha filha, linda cousa fizeste em verdade! Isto não é nenhum brinquedo! Vae immediatamente restituir ao seu trabalho este homem, estes cavallos e esta charrua, e fica sabendo, que é elle que no seu campo cultiva o trigo, de que se faz o pão que nós comemos. Olha que se estes pequenos seres não lavrassem a terra, nós, gigantes, no fundo de nossos rochedos não teriamos de que viver.»

---

## RESTOS DE UMA CASA ROMANA,

descobertos em Arnal.

Ha tempos li, com prazer, a noticia dada pela *Illustrated London News*, de 2 de agosto 1856, relativamente a um bello specimen de pavimento romano enxadrezado, descoberto em Cirencester, e trasladado com excellente exito; e não pouco satisfeito fiquei de ver que se haviam dado adequadas providencias para bem se arrecadarem e conservarem aquellas reliquias de tempos que passaram.

Muito fôra para desejar que, n'um paiz como Portugal, onde tantos vestigios das artes romanas se acham indubitavelmente enterrados no chão, se olhasse com egual desvelo para os restos da antiguidade, e se fizessem as necessarias diligencias para se estudar a sua historia, e segurar a sua boa conservação; mas infelizmente, por effeito da ignorancia provinciana, taes reliquias, quando por acaso se tem encontrado, hão sido descuidosamente destruidas, para se satisfazer a algum fim immediato, sem primeiramente serem submettidas á inspecção de algum homem competente, que podesse apreciar o seu valor.

Proximo a Setubal existem, sem duvida nenhuma, os restos de uma cidade romana, de cujas habitações se póde ver uma grande parte sem muito trabalho. Alguns annos ha que, por meio de subscripções, se fizeram algumas tentativas para excavar e trazer á vista aquelles objectos; mas tendo passado o primeiro enthusiasmo, falleceram os meios, veiu a indolencia, a areia tornou a cobrir o que estava feito, e o negocio deixou de ter quem se interessasse n'elle. N'outro logar, a curta distancia de Leiria, ha um armazem de vinhos, ou adega, cujo chão esteve n'outro tempo coberto de pavimento enxadrezado romano, de que restava ultimamente uma parte com um lavor elegante. Esta reliquia foi comprada e trasladada para Lisboa pelo sr. J L. O'Sullivan, ministro dos Estados Unidos n'esta côrte.

Mas para entrar com mais especialidade no assumpto para que chamo a attenção do leitor, direi primeiro o seguinte. O reverendo Patricio B. Russell, doutor em theologia, e reitor do collegio do Corpo Santo, n'esta cidade, quando andou examinando a formação geologica, e caracter mineralogico do terreno adjacente a Leiria, encontrou n'um campo alguma porção de pavimento marchetado, que lhe pareceu ser de origem romana. Comprou, pois, o direito de fazer excavações, e metteu operarios á obra. O resultado foi sair a lume um interessantissimo specimen de pavimento romano de mosaico, muito maior do que o que geralmente apparece, e apenas tres pés abaixo da superficie. Este descobrimento é duplicadamente curioso, porque o pavimento constitue o solho de uma casa, dividida em varios quartos, e cujas paredes, tanto divisorias, como externas, ainda se conservam na altura de cousa de pé e meio. O sitio chama-se *Arnal*, aldeola que fica a tres ou quatro milhas ao noroeste da Batalha, celebrada com tanta razão, por causa do seu mosteiro levantado por D. João I em acção de graças pela victoria ganha sobre os castelhanos em 1385, na celebre peleja d'Aljubarrota. D'aqui tomaremos ensejo para dizer que os restos mortaes d'aquelle monarcha, e os de sua esposa D. Filippa, filha de João de Gaunt, duque de Alencastre, jazem alli sepultados; bem como os de quatro de seus filhos, entre os quaes se conta o sempre memorando principe D. Henrique, que, ainda joven, resplandeceu como heroe conspicuo entre os heroes, e que, mais tarde, esquivando-se ao luzimento da corte, gastou os restantes dias da vida no arido promontorio de Sagres, estudando sem repouso, e animando com mão liberal a navegação e artes a ella accessorias; em fórma que a elle, exemplar precursor do Gama e do proprio Colombo, Portugal e o mundo deveram eminentes serviços pelos numerosos e importantes descobrimentos maritimos, que em tempos antigos se fizeram.

Mas tornando á materia (e deixando aquella certamente perdoavel digressão), para auxilio das conjecturas que se possam fazer relativamente ao edificio romano de Arnal, bom será ponderar-se que aquella aldeia demora cêrca de tres milhas ao noroeste de Leiria, aonde se suppõe que teve assento a antiga *Callipo* dos romanos, regida por um proconsul. Leiria está vantajosamente situada sobre o rio Liz, que a breve distancia mistura as suas aguas com as do Lena. Este ultimo nasce na serra de Porto de Moz, nove milhas para a parte do sul, e rega um fertilissimo valle, que atravessa no seu comprimento, correndo em direcção septentrional para a banda de Leiria.

Mais se podéra dizer da fertilidade do solo, em tanto que a sua feição geologica, ou antes mineralogica, pareceria ter relação com o estabelecimento de uma vivenda campestre ornamentada com tanta riqueza como o é a de Arnal. O carvão acha-se alli em abundancia, e o minerio de ferro de excellente qualidade não é menos profuso. Os romanos, com aquelle animo emprehendedor que os caracterisava, tiraram partido sem duvida das particularidades mineraes d'aquelle territorio; não deixaram de ver por

certo o proveito com que alli se podia exercer a manufactura do ferro tão necessaria para as suas expedições bellicas; e hoje ha provas manifestas da grande escala em que elles produziam aquelle material de guerra. As suas fornalhas de fundição, construidas em muitos sitios, desde Porto de Moz até Leiria, e nas immediações de léste a oeste, deviam ser muito productivas. As ruinas d'esses fornos, além de immensos depositos d'escorias, ainda se encontram em varios pontos, n'uma área de quinze milhas quadradas. Tinham estabelecimentos metallurgicos em Porto de Moz, Alqueidão, Arnal (sitio do mosaico), Valle d'Orta, Necessidades, proximo a Leiria, e ao pé da Marinha Grande, á beira do grande Pinhal. Tem-se encontrado nos depositos d'escorias alguns pedaços de metal em barras, de seis pollegadas de comprimento, quatro de largura, e tres de espessura; em tanto que muitos dos depositos ou montes d'escorias, que duram ha mil e tantos annos, estão coroados de venerandos carvalhos.

O recente descobrimento do carvão, no valle da Batalha, veiu dar nova importancia áquelle districto.

O jazigo é da mesma edade do carvão dos Alpes e Yorkshire, e foi sublevado pela elevada cadeia de calcareo jurassico, que corre de norte a sul, n'uma altura de 2.000 pés, desde Rio Maior até ao pé do Mondego. Grandes filões de ferro polar e magnetico atravessam aquellas montanhas, em tanto que os valles, e muitos inferiores jacentes entre as montanhas e o mar, abundam em rico minerio de ferro argiloso, e os costumados carbonatos dos terrenos carboniferos. Ao passo que se caminha dos montes para o mar, a formação jurassica desapparece por baixo da oolitica superior, a qual tambem fica coberta pela subcretacea. É no ponto de contacto d'estas duas formações ultimamente ditas, que se encontrou o precioso ferro magnetico, de que se serviam os romanos.

Fig. 1.ª

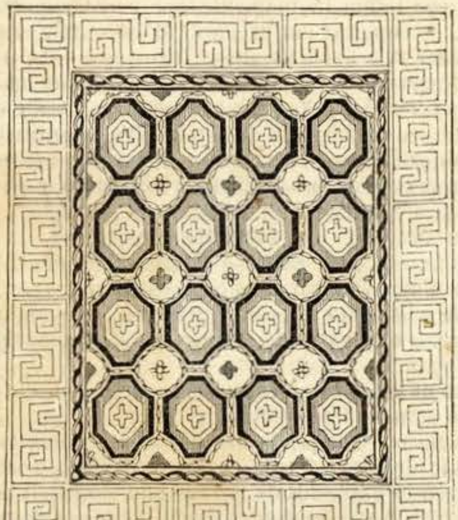


Com taes vantagens, n'um ambito de muitas milhas, póde facilmente suppor-se que as visinhanças de Leiria foram, em tempos muito antigos, tanto por serem sitios aprazíveis, como por interesse, habitadas por pessoas que podiam tirar proveito da fertilidade do solo e da riqueza mineral n'elle contida. Deveu, pois, alli ser o centro de uma população dilatada e industriosa, do que se encontram bastantes provas no chão ainda hoje povoado de vasos de louça quebrados, e telhas. Não nos deve, portanto, causar admiração o achado de uma casa esplendida (e talvez que haja ainda outras) nas proximidades de um municipio, sob a intendencia de um proconsul, n'uma provincia do imperio romano, como Portugal por muito tempo foi. O edificio de que se trata, se não era residencia do proprio proconsul, póde ter sido, talvez, a do superintendente dos trabalhos de mineração, ou de algum romano opulento, que houvesse escolhido o sitio por causa da sua salubridade e formosura.

O chão do edificio, a julgar pelo que até agora se tem excavado, parece ser na maxima parte um pa-

rallelogrammo, correndo N. E. e S. O., com uma saliencia no meio da extremidade do nordeste, formando mais do que um semicirculo com um raio dentro do muro de 9 pés e 2 pollegadas, o que augmenta consideravelmente o tamanho da camara principal. As paredes exteriores e as que dividem os quartos são todas da mesma grossura, que anda por meio metro, ou pouco mais de um pé e 7½ pollegadas; e são feitas dos mesmos materiaes, que consistem em pedaços de pedra irregulares, mas bem unidos uns aos outros, e cimentados com argamassa, tendo pedras de cantaria nas umbreiras das portas e janellas. A pedra de que se compõem as paredes está misturada com pedaços de telha, e porções d'escorias aqui e acolá, o que mostra que os fornos de fundição das proximidades já então estavam funccionando. A excavação ainda não chegou a descobrir todo o edificio, nem o local da entrada principal. A maior extensão de muro encontrada é de 15 metros, ou cêrca de 180 pés inglezes; mas ainda resta mais por descobrir. Na extremidade do muro do lado de nordeste, e do lado de sueste, na extensão de 68 pés pouco mais ou menos, é que se tem feito a principal excavação, e é que se tem encontrado o pavimento de mosaico. Todos os quartos são assoalhados de mo-

Fig. 2.ª



saico, á excepção de um só. O desenho, porém, que entre todos mais se distingue, é o do quarto principal (Fig. 1.ª), que, incluindo a extremidade circular, tem 10,55 metros, ou mais de 35 pés de comprimento, e 5,45 metros, ou perto de 18 pés de largura. Todo este quadro está cheio de pavimento marchetado; a parte circular com um desenho d'ornato de xadrez preto e branco, ao passo que a parte rectangular representa em differentes côres a fabula de Orpheu amansando os brutos, e encantando-os com a musica da sua lyra. O lobo e o porco montez vêem-se alli em pé, com silencioso pasmo olhando para o tangedor; a raposa, deliciada com as novas sensações que experimenta, levanta-se, e põe uma pata no rochedo em que Orpheu está assentado, e outra pata na propria lyra; o gamo, a maior distancia, parece estar immovel escutando a melodia, em tanto que o coelhinho mostra ir correndo sem saber para onde corre, nem o que sente. Além d'aquelles ha mais tres animaes, que parecem não formar parte do bruto auditorio, e são uma panthera no tope, e um veado e alce no fundo, collocados como objectos de ornato, e para encher espaços. Os quatro cantos do quadrangulo que serve de moldura ao pittoresco painel estão embellezados com quatro cabeças maiores do que o natural, e que, em razão do seu numero, podiam representar as quatro estações; mas não ha bastantes signaes caracteristicos, que auctorisem uma tal supposição. Esta é a unica alcova em que se acham imagens de objectos viventes; nas outras ha só desenhos ornamentaes, alguns dos quaes são muito elegantes, como se vê na Fig. 2.ª, que representa metade do pavimento de um quarto.

A Fig. 3.ª representa tudo o que restava do pavimento de mosaico preto e branco, que o doutor Russell descobriu em S. Sebastião, distante milha e

Fig. 3.ª



meia, pouco mais ou menos da Batalha, e a que já se alludiu como havendo sido encontrado n'uma adega, e comprado pelo sr. O'Sullivan, que o mandou trasladar para Lisboa. N'uma capella antiga, em S. Sebastião, vê-se tambem uma pequena columna quadrada, de mão d'obra romana, de dois pés d'altura pouco mais ou menos, e que está reservada em local particular, servindo de apoio a uma pia d'agua benta. Tem a seguinte inscripção:




Alguns dos nossos leitores poderão melhor ajuizar da valia d'estes pavimentos, comparando-os com outros bem conhecidos. Se tivermos presente a obra de Montfaucon, *L'antiquité expliquée,* não se tem encontrado outro, ou poucos mais se haverão encontrado de maior extensão, e mais bem executados, excepto, talvez, na Italia. Aquelle auctor copía com muita exacção do Pitiscus *(Lexicon Antiquitum Romanum)* a estampa de um mosaico romano achado ao pé de Woodstock em 1712, e que é tambem composto de xadrez de côres, parecendo ter pertencido a um templo de Baccho. As dimensões dadas por Pitiscus são 36 pés por 15, egual a 540 pés quadrados; em tanto o pavimento da casa de Arnal anda por 1.600 pés quadrados, de que mais de dois terços são de mosaico de côres.

Como tive o gosto de acompanhar o doutor Russell e o sr. O'Sullivan, quando foram examinar o andamento das excavações, posso fallar, como testimunha

ocular, da grandeza e importancia d'aquellas bellas antigualhas. [1]

JOHN MARTIN.

## A LOUCA DE S. CHRISTOVÃO

I.

Vêde-a!... ella lá está, a pobre louca.

Sentadinha e encruzada, junto do muro, sorri e falla só!

Mas que sorriso aquelle, sem intenção, apathico, machinal, mais jôgo de musculos, que expressão de intima alegria; mais o adeus de despedida da intelligencia que, fugindo, lhe roçára os labios e ahi morrêra, do que expansão de alma que lhe venha refulgir nos olhos d'essa luz de mil e ineffaveis reflexos, que só o verdadeiro prazer accende!

E parece que sessenta invernos depozeram os seus gelos sobre aquella cabeça, cujo cabello, desprendido e agitado ao sabor do vento, se revolve arripiado pelo sôpro da devastação que lhe lavra lá dentro!

E, comtudo, a pobre louca ainda mal passa de seis lustros!

Mas é que a desventura, passando por ella como o tufão do deserto, lhe devastára as faculdades do espirito, e murchára o viço da juventude.

Um instante bastou para lhe encanecerem os cabellos, e arrugarem e amarellecerem as faces.

Duas rugas, profundas e sinistras, como os signaes fatidicos da mão do destino que se lhe imprimissem na fronte, lhe descem na região frontal, infladas, tumescentes, em palpitação continua, revelando a lucta de idéas em contradicção afflictiva, que referve dentro d'aquelle cerebro enfermo.

Uma inquietação febricitante, como a do espirito em obsessão, apossa-se-lhe dos gestos, da physionomia e da voz, obrigando-a a uma alternativa de riso e pranto, de phrases entrecortadas e gemidos surdos, de sons claros e indistinctos, e de protestações angustiadas e phreneticas.

Depois ergue-se, dá alguns passos, pára, sólta uma d'essas gargalhadas estridentes, nervosas, mistura indefinivel de exaspêro e satisfação, que é como o triumpho da desordem dos sentidos sobre as faculdades do entendimento, e torna a sentar-se no mesmo logar.

Passado o phrenesi do accesso, a triste louca cáe abysmada n'uma funda melancolia.

O olhar permanece fito e pasmado; uma immobilidade de estatua torna-lhe de marmore as feições.

N'este estado é facil de ver que aquella velhice é prematura; que não foi o curso regular do tempo que deixou o rasto de seus estragos n'aquelle semblante.

A mocidade, dilacerada pelos golpes de uma agonia intima, apparece atravez dos effeitos da devastação mental, como se a caducidade fosse apenas um véo diaphano, lançado sobre um rosto de trinta annos.

Mas uma expressão de acerba, de profunda tristeza, enlucta esses mesmos restos de juventude, que parece teimarem em subsistir, para mais pôr em relêvo todos os soffrimentos e ruinas d'aquelle espirito em que se apagou o uso da razão.

Porém, é uma expressão de tristeza que não repelle; que, pelo contrario, inspira sympathia; que attrahe e identifica com as manifestações da sua dor.

II.

Mas silencio, que ella lá falla.

Os labios da pobre louca, contrahidos n'um tremor febrente, despegam-se apenas para deixar saír estas palavras, que são mais o desafogo de uma afflicção concentrada, do que a revelação de um pensamento.

«Morreu!... morreu!... E era tão formoso!... Não, não morreu!... fugiu para o ceo. Não o vi eu voar n'aquella nuvem que se levantou d'alli? Foi uma nuvem que m'o levou.... d'aquelle lado.... Vi-o eu, viram-n'o todos!»

III.

E a triste louca apontava com mão tremula para as ruinas de um casebre derruido e desmantelado, que se erguia da outra banda da rua, e que parecia ter sido devorado pelo fogo, ou derrocado por algum abalo de terra.

IV.

Era um dia formoso e sereno de junho.

Ainda não haviam soado oito horas.

O ceo, como uma vasta abobada de cristal, através da qual se vissem as mil ondulações de um immenso manto de setim azul, alargava horisontes transparentes de luz.

Era um d'esses dias em que a natureza parece vestir todas as suas galas para levar a alegria aos espiritos, e encher de brilho e vida os productos mais reconditos da creação.

Mas foi sina negra!

Parece que o fado, o destino, a sorte, ou o que quer que é de indefinivel, mas immenso e inexoravel, que influe iniquamente nos acontecimentos da vida, se compraz em procurar d'estes dias, em que o prazer ri a todas as almas, em que o futuro mostra descerrar-se promettedor e luminoso ás mais negregadas sinas, para promover alguma grande catastrophe, como folgando de estabelecer o contraste entre as promessas da natureza florindo e rescendendo aromas, e as inconcebiveis vicissitudes a que está sujeita a existencia humana!

Seriam, pois, oito horas da manhã.

Luiza era uma pobre e laboriosa lavadeira, que vivia n'uma das barracas que, como uma excrescencia de edificação informe e grutesca, se agglomeram ás ruinas existentes do antigo palacio dos marquezes de Vagos.

Attentae em como ella anda mourejando, entregue á sua afanosa lida quotidiana.

Ainda mal rompeu a manhã, e já a pobre rapariga saiu de casa, depois de haver beijado e abraçado, com os extremos de um carinho verdadeiramente maternal, o seu querido Alfredo, para ir defronte da casa fazer o estendal de um avolumado cargo de roupa que lavára na vespera.

Alfredo era a recordação e o penhor de um consorcio infeliz.

Ainda não contava dois mezes, quando sua mãe, com elle ao collo, borbulhando-lhe as lagrimas dos olhos, e com o coração pungido de saudade, fôra dizer o ultimo adeus ao auctor de seus dias, ao grumete Antonio, que se fazia de viagem para uma das nossas colonias d'além mar.

Desde esse dia Luiza não mais tornou a vêr seu esposo, e já tinham passado dois annos.

A corveta que o levára tinha voltado; mas do grumete não havia novas.

Parece que os sertões d'Africa o tinham tragado, ou que jazia sepultado no mais fundo das ondas do Oceano; porque os seus companheiros o mais que diziam é que elle tinha saltado em terra, e que depois desapparecêra, como se caísse nos abysmos do mar.

A infeliz Luiza não esmorecêra, comtudo, a esperança de tornar a abraçar o seu Antonio; e em quanto o não fazia, alentava todos estes desejos de remota felicidade, revendo-se no filho, que era a estampa do pae.

[1] Esta communicação foi feita de Lisboa, no mez de agosto proximo findo, pelo doutor em medicina, Mr. John Martin, ao *Illustrated London News*, que a publicou no mesmo jornal, supplemento de 5 de septembro d'este anno, pag. 254 e 256.

V.

Mergulhada n'estes pensamentos estava ella por certo, procurando quasi que instinctivamente as resteas do sol para estender a sua roupa, quando um estampido immenso, como um trovão que estala propinquo, ou uma descarga cerrada de artilharia, lhe feriu os ouvidos.

O estrondo foi acompanhado de um abalo violento, que percorreu toda a calçada, fazendo retremer a casaria circumvisinha.

Uma atmosphera de fumo e caliça toldou os ares.

Luiza olha espavorida; um presentimento sinistro lhe confrange o coração.

Corre, e vae a precipitar-se para o lado da casa; mas uns poucos de braços lhe embargam o passo, e um alarido de pranto, lamentações e gemidos lhe faz correr o terror por todas as medulas dos ossos.

De repente, do mais escuro e denso da fumarada, que em columnas revoltas e movediças se ergue nos ares, surde um edificio em chammas: era a casa de Luiza.

A triste rapariga sólta um grito, que mais parecia um estalo do coração, rompendo-se em todas as fibras, do que um som articulado, e precipita-se sobre a porta.

— Meu filho! salvem o meu querido Alfredo!... salvem-m'o!...

Mas da casa só restava de pé parte dos muros da frente.

Uma terrivel explosão, rebentando do andar terreo, tinha feito voar o edificio em pedaços.

Uma columna de fumo, perdendo-se em espiral na atmosphera, era o unico rasto perceptivel d'esse horrivel sinistro, que havia roubado a casa e o filho a Luiza na mesma hora.

A pobre mãe permaneceu terrificada, de pedra, em frente das ruinas abatidas da sua antiga morada.

Uma sensação de indizivel anniquilamento lhe tingiu a face de pallidez mortal.

Dirieis que a mão da morte lhe passára por sobre o semblante, paralysando-lhe toda a acção da vida.

A bocca entreabriu-se n'um movimento desleixado e quasi que machinal; e sobre os olhos correu-se-lhe um véo.

A luz interior, que alumiava aquelle cerebro, tinha-se apagado.

A vehemencia da angustia fizera fugir a razão, e com a razão fugíra a mocidade. Os cabellos tornaram-se-lhe neve; os sulcos da dor cavaram-lhe as faces embotadas.

Luiza tinha ainda coração para sentir as tormentas da vida, mas já não possuia intelligencia para as apreciar.

Erecta, immovel, extatica, petrificada, indifferente a todos e a tudo, a sua figura desenhava-se no meio dos novellos de fumo, como uma visão que atravessasse o espaço, de pé, sobre um throno de nuvens.

Dissereis que voava ao ceo, seguindo o filho. (1)

VI.

Tu, que passas, dá esmola á pobre louca.

Ella não t'a pede, nem mesmo repara em ti. Perdida n'esse vago em que a deixou a ausencia da luz do entendimento, as suas idéas relampejam apenas nas trevas, mas o peito sente toda a vehemencia da dor, e essa dor desponta sempre nas mais acerbas manifestações de uma saudade vehemente e attribulada.

E se a quereis fazer sair d'esse vacuo do pensamento, d'essa apathia moral para todos os affectos e sensações da vida, articulae-lhe ao ouvido o nome de Alfredo, ou mostrae-lhe uma criança de tenra edade. Vereis então a triste louca acordar sobresaltada, e a recordação que esse nome, ou que a vista d'essa criança arranca á sua alma, como que lhe evoca todas as dispersas forças do espirito, reune-lhe e coordena-lhe os restos do apagado entendimento, e a razão fulge de novo, pedindo emprestada á intensidade da angustia o vigor que já não possue.

Então desapparece a pobre louca para se mostrar a mãe affectuosa no mais acceso conflicto de seus trances afflictivos. O quadro da tremenda catastrophe é desenhado pela centesima vez, e sempre com a mesma anxiedade e explosão de dor, com o mesmo colorido de paixão e saudade.

Depois a mesma apathia, a mesma insensibilidade, a mesma intelligencia extincta para todas as precepções do mundo exterior, a mesma velha de trinta annos.

ANDRADE FERREIRA

(1) Tudo o que se acaba de ler, á parte alguma liberdade exornativa, é veridico. Uma terrivel explosão, ao que parece, irrompendo da morada de um fogueteiro, levou pelos ares a casa a que nos referimos, que ficava para o lado do sul do palacio dos senhores de Vagos, a S. Christovão, fazendo algumas victimas, e entre ellas a infeliz criança, filho da desventurada rapariga que enlouqueceu, ferida de tão fatal e imprevisto golpe. Ainda não ha dois ou tres annos, quem descesse de S. Christovão para o largo do Caldas deparava, junto da cortina que corre ao longo da calçada, com uma pobre mulher sentada, ora rindo, ora chorando, sem desfitar das ruinas da barraca que lhe ficavam defronte, e como que entretendo um dialogo interior comsigo mesma. Era um quadro afflictivo, e muito mais afflictivo depois de sabida a historia que o motivára.

## HENRIQUE MARSCHNER.

Nasceu este distincto compositor no anno de 1798 em Zittau no reino de Saxonia, onde aprendeu em tenros annos a tocar piano e outros ramos das artes musicaes. Com tal rapidez se lhe desenvolvia o talento, que não podia ler uma peça poetica sem lhe inventar apropriada melodia. Aos onze annos já gozava de consideravel reputação na cidade que o viu nascer. Infelizmente não havia alli nenhum professor assaz profundo para lhe poder satisfazer os ardentes desejos de progredir na musica transcendente. Assim continuou entregue aos proprios esforços, em quanto se preparava para entrar no collegio onde ia estudar leis. Em 1816 chegou a Leipsic, onde o seu talento musico, sobre tudo a destreza e gosto de suas composições para canto e piano, para logo lhe deram entrada nos circulos musicaes, e lhe apertaram relações com Härtel, Rochlitz, Fink e Schicht. D'este ultimo contrapontista foi Marschner discipulo.

Com a composição da *operetta* por Kotzebue «*Der Kyffhäuser Berg*» fez Marschner em 1819 a sua estreia, dando evidentes provas do seu grande talento para delinear mui varios caracteres musicaes, e mostrou que possuia grande riqueza de melodias. Teve a *operetta* muita voga no theatro de Palffi. A segunda opera que fez foi «*Heinrich* IV *und d'Aubigné*» em tres actos. Enviou-a anonyma, porém animado, a Weber, que tanto gosto e merecimento lhe reconheceu, que a recommendou ao director da opera em Dresda, e ao publico allemão n'um artigo especial.

Taes recommendações são valiosas quando feitas por especialistas; de pouco valem críticas de quem não seria capaz de fazer, pelo menos, tanto como o auctor, cuja obra pretende analysar.

A opera foi recebida com applauso, e muitas vezes repetida. O joven compositor foi commissionado pelos directores do theatro de Dresda para escrever para o drama de Kleist «*Der Prins von Homburg*» uma symphonia, entreactos e varias peças de musica, o que perfez com tal exito, que em 1822 foi nomeado, apesar da sua pouca edade, segundo conductor *(kapellmeister)* da opera allemã e italiana.

N'aquelle tempo estava Marschner mui sobrecarregado de trabalho; e não tendo a empreza melhorado a sua posição, entendeu que devia retirar-se, para todo se dedicar á composição do *libretto* do «*Der*

*Vampyr* » escripto por seu cunhado W. Wohlbrück. O *spartito* achava-se quasi completo em 1827; a escriptura de sua mulher, joven e famosa cantora, para o theatro de Leipsic, facilitou a primeira representação da opera n'um dos mais celebres theatros da Allemanha. Todavia, só a 28 de março de 1828 foi á scena; o exito foi brilhante e decisivo; dilatou-se até á Inglaterra, onde logo Hawes fez com que Planché traduzisse o « *Vampyro* » para inglez. Depois foi representado mais de sessenta vezes na opera ingleza. Marschner compoz immediatamente a grande opera do « *Der Templer und die Jüdin*, » que tambem se deu em Leipsic com applauso muito superior ao « *Vampyro*. » Em 1830 escreveu Marschner para a opera de Königstädtshe, em Berlim, a opera-comica romantica « *Der Falkners Brant*. »

Em 1831 acceitou um convite como conductor da companhia lyrica no Hanover, onde se deteve alguns annos sob o governo do grande protector das artes, o duque de Cambridge. Marschner escreveu alli em 1830 a sua opera « *Hans Heiling*. » O extraordinario acolhimento d'ella lhe rendeu numerosas honras. A universidade de Leipsic lhe deu o gráo de doutor; a academia das artes de Berlim o nomeou seu socio effectivo, bem como a sociedade para o desenvolvimento da musica na Hollanda. Os reis da Dinamarca, Hanover o Baviera e o duque de Coburgo condecoraram com as suas ordens o excellente mestre que preferia guardar fidelidade á sua cara Allemanha.

A despeito do laborioso cumprimento das suas obrigações, escreveu Marschner as grandes operas « *Das Schloss am Aetna* », « *Der Bäbu* », « *Adolf von Nassau* », « *Austin* », e musica para os dramas de Waldmüller Margret: « *Der Goldschmied von Ulm* », além de muitas cantatas, tercetos, e quartetos, que pertencem inquestionavelmente ás mais bellas e originaes producções da musica allemã.

Marschner casou com a excellente cantora Theresa Janda, que em 1854 fez a sua estreia no theatro de Drury Lane com muito applauso. No inverno passado principiou Marschner, e concluiu agora uma nova opera « *Sangköning Hiarne* » que dizem os amigos do maestro exceder até mesmo os seus melhores trabalhos, em frescura, melodia e originalidade.

O insigne compositor acaba de partir de Londres, onde deixou vivas e indeleveis impressões, para o Hanover, onde foi recebido com todas as demonstrações de affecto, devidas á sua reputação.

*L.*

## MOEDAS GODAS DE CASTELLA.

A Hespanha foi conquistada aos romanos pelos godos; porém estes, tão barbaros como o seu paiz original, em logar de aproveitarem as bellezas artisticas, o gosto e cultura dos vencidos, só pensaram em destruil-as.

Havendo por unica occupação o exercicio das armas, careciam até de leis. Foi o rei Eurico o primeiro que começou a promulgal-as, no que o imitou Leovigildo. Assente a corte goda em Toledo, em 568, pelos irmãos Liuva e Leovigildo, que vencêra os suevos que dominavam a Galliza e a Gallia, a monarchia goda ficou dominando quasi toda a Hespanha.

Quando os godos entraram na Hespanha abundava n'ella a moeda romana. Foi assim que, adoptando-a os reis godos, não tiveram necessidade de cunhar moeda pela escassez, mas pela grandeza. Para isso, estabelecendo casas de moeda em muitas cidades, fizeram cunhar moedas d'ouro e prata, sem que haja noticia de a fabricarem de cobre em egual abundancia, sem duvida pela muita que como já se disse existia, e que devia ser em quantidade extraordinaria para que hoje se não metta vez nenhuma o arado em terreno virgem ou pouco trilhado da Betica e demais pontos da peninsula, sem que appareçam d'essas moedas romanas, que hoje passam por oitavos (*ochavos*) em todos os povos, podendo dizer-se com verdade, que em Hespanha ainda existem em circulação restos d'aquella epocha.

O fabrico das moedas godas é tão barbaro e de máo gosto, que não accusa o menor rasto de desenho. Os bustos que querem representar, compõem-se d'um circulo imperfeito, com pontos nos logares dos olhos e da bocca. Querendo no reverso representar a esbelta Victoria, que os romanos punham nas suas moedas, faziam uns garranchos, que quando muito podem dar idéa d'uma cigarra, com escadas em logar de



azas. Taes moedas nem sequer no tamanho e no peso guardam uniformidade. As que ha maiores são alguma cousa mais estendidas que um real de prata. As menores são inferiores a um realito de oito *cuartos*, com a particularidade de que estas é que costumam pesar mais; indicando isto, segundo o padre Florez, que o valor não dependia do cunho nem do peso, porque se não acham duas que pareçam eguaes. A qualidade do ouro é de boa lei até ao VII seculo, em que chega a rebaixar-se tanto, que d'ellas algumas moedas mais parecem prata que ouro. N'estas o peso está geralmente entre 18 e 20 reales da actual moeda hespanhola.

O mais interessante d'estas moedas são as legendas, por mostrarem o caracter da sua letra e as variações que fizeram na escripta, até que foram vencidos pelos arabes. Tambem pelas moedas se conhece não só a religião que os godos professaram, que foi o arianismo, e o catholicismo; mas tambem os titulos que se davam seus reis, em que é para notar o *Dominus Noster* com que costumavam principiar os nomes e os appellidos de *Justus*, *Pius*, *Victor*, e outros que tomaram dos romanos.



As cidades que cunharam moeda goda foram vinte oito, quasi todas as quaes tinham tambem tido casa de moeda em tempo dos romanos, e são as que se indicam no artigo publicado no numero 13 d'este semanario, pag. 104, ainda que os godos lhes barbarisaram os nomes, como por exemplo Saragoça, a quem os romanos chamaram Caesar Augusta, denominaram-na elles *Cesaraeosta*. Atarazona, a que os primeiros chamaram Turiano, chamavam os segundos *Tirasona*.

Acabando em Rodrigo, no principio do VIII seculo, a monarchia goda, com a batalha ganha pelos arabes nas margens do rio Guadalete, deixaram de cunhar-se moedas godas, por começarem os conquistadores a fazer circular a que lhe era peculiar, costume mui proprio d'esta casta de hospedes.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 E